



MUSEU PEDAGÓGICO

ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A TRAJETÓRIA DE CELSINA TEIXEIRA À TESTA DA FAMÍLIA E DOS NEGÓCIOS 1910-1916

Adriana Moreira Pimentel*
(UESB)

Tânia Rocha Andrade Cunha**
(UESB)

RESUMO

Neste artigo analisamos a correspondência pessoal trocada no intervalo de 1910 a 1916 entre Celsina Teixeira Gomes Ladeia e seu esposo José Antônio Gomes Ladeia. Com o desenvolvimento de novas pesquisas sobre família, os historiadores e demais cientistas sociais foram ampliando suas investigações para esferas mais amplas como casamento, comportamento sexual, criação dos (as) filhos (as) e relação entre parentes. Assim, os estudos sobre a mulher e a família ganharam espaço e dimensão nova nas interpretações recentes. A análise dessa documentação ressalta a importância da mulher na organização de uma família da elite na cidade de Caetité-BA e permite inferir indícios de uma participação feminina ativa nas atividades e atribuições do casal, na administração do lar e das fazendas.

PALAVRAS-CHAVE: Família. Mulher de elite. Negócios.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre família é uma proposta muito ampla e desafiadora. Com o desenvolvimento das pesquisas nesse campo, os historiadores e demais cientistas sociais foram ampliando suas investigações para esferas mais amplas como casamento, comportamento sexual, criação dos (as) filhos (as) e relação entre

* Aluna do Programa de Pós-graduação Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Vitória da Conquista. Integrante do grupo de pesquisa: Gênero e Violência. Drica_gbi@hotmail.com.

** Orientadora. Bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1980), Mestra (1999) e Doutora (2004) em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do Programa de Pós-graduação Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade da UESB. Coordenadora do grupo de pesquisa: Gênero e Violência.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

parentes. Assim, os estudos sobre a mulher e a família ganharam espaço nas interpretações mais recentes. Embora para alguns estudiosos, ainda haja a necessidade de mais pesquisas neste campo para destrinchar as relações cotidianas.

Inicialmente, a família foi analisada, especialmente, por antropólogos e sociólogos e só a partir da década de 80 o tema foi incorporado pela historiografia como um campo específico de conhecimento. Um dos trabalhos pioneiros no Brasil foi do historiador Gilberto Freyre. Segundo Corrêa (1994), história da família brasileira foi, durante um bom tempo, traçada sob os moldes desse determinado tipo de organização familiar e doméstica: a “família patriarcal”⁴⁶⁴ como ‘modelo’, tradicionalmente, usado para delinear a história da organização familiar no Brasil colonial do século XVI ao XIX.

No entanto, para Ariès (1981) no século XVIII, com a criação de instituições escolares, o surgimento da vida privada e da intimidade doméstica, a predominância do sentimento familiar e a preocupação com a criança começou a esboçar-se a família nuclear burguesa⁴⁶⁵. Essa forma de organização familiar durante um longo período se limitou aos nobres, aos burgueses e lavradores ricos. Com o passar do tempo, “a vida familiar estendeu-se a quase toda a sociedade, a tal ponto que as pessoas se esqueceram de sua origem aristocrática e burguesa” (ARIÉS, 1981:271).

Sendo assim, podemos inferir que esses modelos de organização familiar retomaram práticas sociais consideradas dominantes, tais como: a autoridade masculina, a submissão da mulher, a função do “sagrado matrimônio” e da

⁴⁶⁴ Para Corrêa em Freyre (1977) a família patriarcal é um tipo fixo onde os personagens, uma vez definidos, apenas se substituem no decorrer das gerações (...) ela se instala nas regiões onde foram plantadas as grandes unidades agrárias de produção(...) mantém-se através da incorporação de novos membros, de preferência parentes, legítimos ou ilegítimos, a extensos “clãs” que asseguram a indivisibilidade de seu poder (...) com o advento da industrialização e a ruína das grandes propriedades, foram substituídas pela “família conjugal moderna” p.15-6.

⁴⁶⁵ Neste modelo ‘ideal’ de família – composta por pai (chefe e provedor da família), mãe (dona de casa ou “secretária do lar”) e filhos – com clara divisão do trabalho entre os gêneros as mulheres não deviam trabalhar fora de casa.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

sexualidade, além disso, “aceitaram fixar o mundo externo como o espaço masculino, e a casa, como feminino” (SZYMANSKI, 1995:24) para demonstrar a importância da família como referencial naquela sociedade em questão. Mas, segundo Mello (1995) muitas transformações ocorreram em padrões tradicionais de comportamento e afetaram dentre outras questões o equilíbrio entre os membros dos grupos familiares.

O quadro de submissão feminina, por exemplo, traçado pela historiografia brasileira, nem sempre foi o mais característico. Alguns fatos testemunham divergências no ideal patriarcal de docilidade e submissão femininas. Dentre as poucas opções que restavam à mulher, o casamento tinha uma função específica numa sociedade onde o ideal de mulher estava associado ao de boa esposa e mãe dedicada. Contudo, casamentos clandestinos e uniões consensuais continuaram ocorrendo em Portugal e no Brasil, mesmo com a reprovação da Igreja. Atualmente, os casamentos podem terminar muito mais por divórcios e separações, enquanto que em meados do século XIX, tinham maior possibilidade de findar apenas com a morte de um dos cônjuges.

Nesse sucinto retrospecto histórico apontamos a importância de se ampliar as reflexões sobre o tema, sobretudo, destacando a posição e o lugar da mulher na família frente aos privilégios masculinos.

À existência de evidências de que uma parcela representativa de mulheres das camadas mais abastadas viviam reclusas ou entregando-se a indolência, contrapõe-se, entretanto, a um outro quadro onde, comprovadamente, o sexo feminino tinha participação mais ativa, à testa da família e dos negócios, contribuindo para a manutenção da casa. (SAMARA, 1989, p. 110).

Nesse contexto, por meio da análise da correspondência do casal Celsina Teixeira Ladeia e José Antônio Gomes Ladeia pretendemos destacar a importância



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

de uma mulher da elite⁴⁶⁶ na organização da memória familiar no início do século XX, em Caetité-BA, especialmente entre os anos de 1910 a 1916. Segundo Samara (1989a), não são raros os exemplos de mulheres (como Celsina) que na presença, na ausência do esposo ou na viuvez, zelaram pelo patrimônio da família, administrando propriedades e negócios.

Celsina Spínola Teixeira, filha do coronel e fazendeiro Deocleciano Pires Teixeira e Anna Spínola Teixeira, nasceu na cidade de Caetité-BA⁴⁶⁷ no dia 10 de Outubro de 1887 e faleceu na mesma localidade no ano de 1979. Casou-se em 1909 com o farmacêutico, proprietário de terras e de gado, José Antônio Gomes Ladeia (conhecido como Juca). Deste casamento, realizado sob regime de comunhão de bens, nasceu um único filho, Edvaldo Teixeira Ladeia em 1910.

Conforme Ribeiro (2012), a trajetória de Celsina Teixeira (amplamente registrada nas correspondências) e de outras mulheres de sua família (como a mãe Anna Spínola e suas irmãs Evangelina e Hersília, mais especificamente), não apontou para manifestações de natureza contestatória quanto à condição de “submissão” da mulher à função de filha-mãe-esposa. Num primeiro instante de observação, o acervo sugere que a presença feminina estava restrita aos espaços da casa e da igreja.

Todavia, análise mais aprofundada da documentação, um acervo composto por 34 cartas trocadas entre Celsina e Juca nos anos de 1910 e 1916, possibilita-nos visualizar indícios de uma participação mais ativa das mulheres da elite, na família e conseqüentemente, na sociedade, repensando esses espaços tidos como ‘essencialmente femininos’ como locais de atuação pública da mulher.

⁴⁶⁶ No Brasil, as mulheres da elite faziam parte de um pequeno segmento diferenciado da maioria da população pela condição econômica privilegiada e a cor “branca”.

⁴⁶⁷ Em Caetité, o sertanejo vivia as agruras de um clima semi-árido, regulando seu dia-a-dia e seus projetos ao ritmo do tempo da natureza: períodos prolongados de seca intercalados por curtos períodos de chuvas. A cidade, no entanto, desfrutava de situação geográfica privilegiada; encravada nas elevações da Serra Geral e possuindo os bons ares de um clima tropical favorecido pela altitude de 825 m, transformou-se em ponto de apoio para os viajantes e tropeiros que vinham da região do médio São Francisco na Bahia com destino a Feira de Santana ou, na direção oposta, ao Estado de Minas Gerais. (NOGUEIRA, 2010: 31).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Em 1908, aos 20 anos de idade, Celsina deslocou-se para Salvador e neste local permaneceu até o casamento, realizado em Caetité no dia 6 de fevereiro de 1909. De acordo Samara (1989), o casamento ocupou um lugar estratégico e fundamental para manter o prestígio e a estabilidade social das famílias. Neste sentido, o casamento de Celsina parece ter seguido esta tendência, pois se casou com o farmacêutico, José Antônio Gomes Ladeia, um dos herdeiros da fortuna deixada por seu avô, o Barão de Caetité, José Antônio Gomes Neto. O casamento, realizado em comunhão de bens, ainda era visto como uma importante aliança entre as famílias da elite no sertão da Bahia.

Celsina atuou com expressiva autonomia, desempenhando papel de destaque como administradora, fazendeira e mulher de negócios sem descuidar da família, especialmente do filho e do marido como observamos no trecho a seguir:

Campos, 20 de setembro de 1911.

Querido Juca

(...). Estimo que continues a gozar ótima saúde e que regresse o mais breve possível, pois, não imaginas como tenho tido saudades. *Edvaldo continua muito traquina*, ainda não lhe saiu o dente, porém, vai passando regularmente. Gostou muito dos brinquedinhos. (...).

Tem chovido bastante, depois que saíste, tanto que as aguadas mais cheias. As árvores estão se vestindo e sobre as campinas já estendeu-se o tapete esmeraldino, que começa a pintar-se de flores.

O caldeirão encheu-se, porém, a água está cor de café. A cisterna cobriu-se toda, creio que o serviço só poderá ser feito para o ano. (...).

Adeus, aceita lembranças de todos, benção e beijos de Edvaldo e saudades e abraços da tua esposa pelo coração.

Celsina⁴⁶⁸.

Muito embora, mulher e família não devam ser vistas como uma unidade natural, ao longo da história, a família se instituiu como um ponto de partida para as mais diversas atuações sociais das mulheres fora do lar.

⁴⁶⁸ CELSINA. *Carta para Juca*. Campos, 20 de setembro de 1911. APMC. [*grifos nossos*].



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Antes mesmo da morte⁴⁶⁹ do esposo Juca, em 1926, Celsina dirigia os negócios do casal⁴⁷⁰. Em vários trechos das cartas, Celsina – mulher, esposa, mãe, fazendeira e negociante – aparece cuidando da família e administrando fazendas e negócios junto com o esposo. Como podemos observar nos trechos abaixo, ela cuida da lida doméstica e está sempre bem informada sobre os negócios realizados pelo casal.

Campos, 1 de abril de 1913.

Querida Celsina

A secca vai accentuando-se por cá, hontem estive aqui o Clemente, que disse-me que estar secco tamque do Mucambo; não sei qual será o resultado deste sol tão ardente.

Mandei fazer a junta de bois p^a. entregar ao Mario; e tenho vendido alguns a dinheiro. (...).

Os bizerros montam a mais de 500; por m.to já estão ferrados 446. O numero de bizerros no Mucambo calcula-se em 80 mais ou menos. (...). Talvez não leve m.tos dias por aqui. Por que a saudade já vae crescendo cada dia q passa. (...).

Beijos e um abraçinho em Edivalzinho e um saudoso adeus.

Do esposo q m.to te estima.

Juca.⁴⁷¹

No trecho abaixo, por exemplo, ela também se apresenta atenta aos principais problemas que afligiam o povo sertanejo naquele período (o clima instável, as migrações para São Paulo e a carestia dos alimentos):

Caetité, 2 de abril de 1913.

Querido Juca

Tua presada carta, recebida ante-hontem, deu-me grande satisfação, por saber que fizeste boa viagem e estavas com saúde (...).

Edvaldo está bem e satisfeito e sempre lembrando do papaesinho. Mamãe tem tido febre, há 13 noites, todos os mais e eu gosamos saúde.

⁴⁶⁹ A doença do marido se manifestou inicialmente em 1916, levou-o à paralisia e a lenta perda das faculdades mentais. A partir de então, Celsina assumiu sozinha os negócios, o cuidado com o marido doente e a administração da casa, do filho e das fazendas.

⁴⁷⁰ O Processo de Interdição oficial foi impetrado por Celsina em 1916 a fim de gerir “oficialmente” os negócios do casal, em virtude do adoecimento do marido Juca.

⁴⁷¹ JUCA. *Carta para Celsina*. Campos, 1 de abril de 1913. APMC. [grifos nossos].



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Depois de muitos dias de grande calor, hoje estão-se formando bonitas armações, prometedoras de chuvas.

O povo continua a sair para S. Paulo: de ontem para hoje, dizem que vão sair perto de 60 pessoas.

Os gêneros estão subindo; farinha, na feira passada deu a 7 e 8 litros; arroz a litro e meio e 2 litros; feijão, o mesmo. Muitos estão comprando para guardar. (...).

Adeus, aceita lembrança de todos; beijos e benção de Edvaldo e um saudoso abraço de tua esposa pelo coração.

Celsina⁴⁷².

Segundo Ribeiro (2012), após o casamento em 1909, Celsina frequentemente acompanhava o marido nas viagens a cavalo entre a cidade e o campo. O casal manteve esse deslocamento constante entre a cidade de Caetité e as fazendas do casal: Campos, localizada no município de Monte Alto e Santa Bárbara em Caetité. Em Monte Alto, Juca e Celsina “se dedicavam à pecuária, agricultura e a produção de derivados de leite e milho” (Ribeiro, 2012:17). O deslocamento traz importantes elementos que atestam a participação de Celsina na administração do lar e dos negócios da família, no trato com empregados, no cuidado com o rebanho, na produção requeijão, na compra e venda de gado e nas decisões do núcleo familiar, como observamos nesta carta de 1913:

Caetité, 5 de abril de 1913.

Querido Juca

Recebi tua cartinha de que foi portador o Elpidio. Há dias escrevi-te pelo Manoel.

Estimo e peço a Deus que continues com saúde. (...).

De ontem para cá, tem cahido fortes aguaceiros; hoje, choveu desde horas da manhã até o meio-dia. Permitta que seja geral, pois, salvará a criação. As chuvas que cahiram aqui, se fossem ahi, teriam enchido os tanques.

Achei os requeijões muito poucos, mas, parecem não estarem malfeitos; seriam feitos com asseio?

Nesta semana, debes estar de volta, não? Edvaldo não se esquece de ti, constantemente está falando no papaesinho. Diz sempre que “papae foi bica equeijão nos Campos e que chega amanhã.” (...).

⁴⁷² CELSINA. *Carta para Juca*. Caetité, 2 de abril de 1913. APMC. [grifos nossos].



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Adeus, aceite lembrança de todos, beijos de Edvaldo, que pede-te a benção e saudades e mais saudades de tua esposa mt^o amiga. Celsina⁴⁷³.

Percebemos até aqui que além das vivências da família da elite, a análise da documentação também nos apresenta traços marcantes sobre a experiência dos demais sertanejos em meio às instabilidades climáticas, ora *muitos dias de calor* ora *fortesaguaceiros*. E diante às situações adversas, as mulheres das classes menos abastadas, trabalharam na agricultura e nas pequenas manufaturas domésticas para aumentar a renda familiar.

No entanto, conforme ressalta Aguiar (2011), essas crises foram sentidas de perto por esta população menos abastada, coagida a buscar alternativas de sobrevivência como a mendicância, a “vadiagem” e principalmente, em relação à Caetité, a migração para outras regiões como São Paulo que foi destacado por Celsina: *O povo continua a sair para S. Paulo: de hontem para hoje, dizem que vão sair perto de 60 pessoas.*

Como salienta Nogueira (2010), as mulheres de elite podiam se afastar das atividades domésticas por contar com os serviços de outras mulheres na lida da casa. Com as pequenas proprietárias do meio rural, nem sempre acontecia da mesma forma e às vezes, mesmo sendo proprietárias, eram donas-de-casa e exerciam uma variedade de tarefas que iam desde os cuidados com a família até a supervisão de criação de animais domésticos como porcos, galinhas, etc. Outras vezes, supervisionavam atividades da cozinha, da costura e bordados, da produção de doces e requeijão. E, assim como Celsina, ainda estavam presentes nas festividades religiosas e na administração financeira dos negócios e do patrimônio da família, apresentando sugestões como observamos a seguir:

Campos, 4 de fevereiro de 1916.

⁴⁷³ CELSINA. *Carta para Juca*. Caetité, 5 de abril de 1913. APMC. [*grifos nossos*].



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Juca

Alegrou-me saber que fez boa viagem. Peço a Deus que continue bem, e que fique bom o mais depressa possível. (...).

Edvaldo continua com boa disposição e mais gordinho.

Pouco tem chovido depois que V. sahio, e o calor tem aumentado bem.

O Antonio não quis comprar o gado, porque era de 60\$ -; mandou ajuntar o delle para o Cel Balbino, a quem vendeu a 55\$.

O Chicão, que aqui está, quer comprar o nosso, porem, não vendi; por não me inspirar confiança (...).

Muitas lembranças a todos.

Edvaldo pede que o abençoe e envia beijos e saudades.

Abraça-lhe saudosa a esposa am^a pelo coração.

Celsina⁴⁷⁴.

Em suma, conforme ressaltou Ribeiro:

Celsina manteve-se informada a respeito das atividades das fazendas

(...), sobre os acontecimentos citadinos mediante leitura da imprensa local, tomava conhecimento de notícias trazidas por viajantes e sugeria estratégias de negócios ao marido. (...) quando passava longos períodos nas fazendas, participava ativamente da gerência, da produção e das transações comerciais realizadas nesses locais. (2012: 157).

Nesse contexto não podemos minimizar o papel da família na educação e na formação das moças desde os seus primeiros anos de vida para serem boas esposas e mães zelosas. Todavia, o que não nos impede de trazer à tona, esses indícios de participação feminina, fragmentada e dispersa no cotidiano mesmo perante o conjunto de normas, valores e expectativas projetados sobre a mulher no contexto histórico em questão.

O destino das meninas estava socialmente traçado. No futuro, elas deveriam contrair núpcias com um filho de um parente não muito distante, de um compadre ou ainda de um político importante na região. Para que isso se concretizasse, era de fundamental

⁴⁷⁴ CELSINA. Carta para Juca. Campos, 4 de fevereiro de 1916. APMC. [grifos nossos].



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

importância que as meninas tivessem um enxoval e um dote. (HABNER, 2012, 66).

O estudo também nos apresentou como o papel epistolar das mulheres tornou-se bastante intenso e significativo no registro dessas memórias familiares. Segundo Maluf (1995), através das cartas as mulheres armazenaram memórias de um tempo, compartilharam confidências, estreitaram amizades e deixaram escapar as miudezas do cotidiano, a experiência familiar e, sobretudo, da vivência em sociedade para além dos aspectos estritamente normativos.

As cartas escritas no ano de 1916 apontam o início da doença de Juca e posteriormente, o agravamento de seu quadro ao longo dos próximos dez anos. Esse período destaca Ribeiro, é um “grande divisor de águas na vida de Celsina” (2012:157) porque, a partir de então, entre as constantes viagens para Salvador e Rio de Janeiro em busca da cura para Juca e o cuidado com filho Edvaldo, ela assumiu sozinha os negócios da família.

Após algumas viagens à capital, houve a constatação da gravidade da doença, Celsina buscou outros tratamentos no Rio de Janeiro, mas devido à necessidade de se manter na gerência dos negócios da família, ela não acompanhou o marido e contou com apoio de seus familiares nos devidos cuidados com Juca. A trajetória de Celsina Teixeira é exemplar e está em consonância com a atuação de outras mulheres de seu grupo de convívio que também ocuparam espaços nos diversos setores da vida social, tanto no âmbito público quanto no privado. Nas correspondências e em outros documentos produzidos por mulheres da elite destacam-se um cotidiano rico em atuações diversas para além do espaço doméstico e religioso.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

CONCLUSÕES

A partir das diversas leituras, análise de documentos e da observação acurada do tema, a realidade nos mostra que a(s) história(s) da(s) família(s) no Brasil é multifacetada, ou seja, ao longo dos séculos, ela distanciou-se de propostas rígidas e modelos pré-estabelecidos. Assim, o mundo familiar na atualidade mostra-se numa vibrante coexistência de variadas formas de organização (crenças, valores e práticas) de viver nas diferentes sociedades.

Conforme salienta Couto (2005), no campo acadêmico, e especialmente na literatura sócio-antropológica que tem sido produzida nas três últimas décadas, as transformações que atravessam a família brasileira têm inspirado o retorno de estudiosos à temática. Nesse sentido, fez-se necessário analisarmos na correspondência deixada por Celsina e Juca, a importância da mulher na organização de uma família da elite no Alto Sertão da Bahia, ressaltando os indícios de uma participação ativa das mulheres dos setores mais abastados da sociedade, no cotidiano.

A documentação pesquisada mostrou o quanto a participação de mulheres, como Celsina foi indispensável na administração da família e dos negócios no sertão da Bahia. Elas deixaram marcas importantes na sociedade caetiteense e na memória familiar. Criaram estratégias e reelaboraram experiências para além do “ideal” de esposa e mãe.

Para além dos registros dos afazeres domésticos como costuras, bordados, cuidados com o filho e com o marido, o caminhar pela casa, pela igreja, pelas fazendas e cidades, apontaram importantes atuações dessa mulher da elite à testa da família e dos negócios na cidade de Caetité como esposa, mãe, exímia administradora, fazendeira e mulher de negócios.

Assim, é necessário ampliarmos cada vez mais as reflexões e as pesquisas sobre essa temática multifacetada que é a família, revisitando os (pré) conceitos



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

tradicionais e especialmente, trazendo à tona as principais transformações que afetaram a organização familiar no Brasil e no mundo, dentre elas: o papel da mulher.

REFERÊNCIAS

Acervo Particular Família Deocleciano Pires Teixeira

Grupo: Celsina Teixeira

Série: Correspondências pessoais

Caixas: 1 e 2

Acervo Particular Família Deocleciano Pires Teixeira

Grupo: José Antônio Gomes Ladeia (Juca)

Série: Correspondências pessoais

Caixa: 1

AGUIAR, Lielva Azevedo. *Agora um pouco da política sertaneja: a trajetória da família Teixeira no Alto Sertão da Bahia (Caetitê, 1885-1924)*. Dissertação de Mestrado em História Regional e Local. Santo Antônio de Jesus – BA, UNEB, 2011.

NOGUEIRA, M^a Lúcia P. Silva. *A Norma dos “Bons Costumes” e as Resistências Femininas nas Obras de João Gumes (Alto Sertão Baiano, 1897-1930)*. Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo – SP, PUC, 2010.

AIRÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Trad. Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

CORRÊA, Marisa. Repensando a família patriarcal brasileira. In: ARANTES, Antonio A. [et al]. *Colcha de Retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

COUTO, Márcia Thereza. Estudos de famílias populares urbanas e a articulação com gênero. In: *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 9. vol. 16(1), 2005.

MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

MELLO, Sylvia L. Família: perspectiva teórica e observação factual. In: CARVALHO, M^a do Carmo B. de. (org). *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: Educ/Cortez, 1995.

HAREVEN, Tâmara K. Tempo de família e Tempo histórico. In: *Revista Questões e Debates*. Curitiba, n. 5, 1984, p.3-26.

HABNER, June C. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY & PEDRO. (orgs.), *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

RIBEIRO, Marcos P. *Mulheres e Poder no Alto Sertão da Bahia: a escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeira (1901 a 1927)*. São Paulo: Alameda, 2012.

SAMARA, Eni de Mesquita. *As Mulheres, o Poder e a Família – São Paulo, século XIX*. São Paulo: Marco Zero/Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.

SZYMANSKI, Heloisa. Teorias e “teorias” de família. In: CARVALHO, M^a do Carmo B. de. (org). *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: Educ/Cortez, 1995.